

LITERATURA FEMININA E CRÍTICA LITERÁRIA*

CONSTÂNCIA LIMA DUARTE (UFRN)

A inclusão do tema Mulher e Literatura na maioria dos encontros, simpósios e congressos em nossa área, dos últimos três anos, tornou-se fato comum e impôs-se naturalmente dado o interesse e necessidade de pesquisas e estudos sobre a mulher, existentes hoje em dia. Há alguns anos tal tema era impensável e nem haveria trabalhos suficientes para sustentar uma mesa-redonda ou um ciclo de palestras, dada a escassez de estudos e até da ausência de uma consciência de sua importância.

A ênfase do enfoque sobre a mulher nas diversas áreas de estudo é resultado direto do movimento feminista das décadas de 60 e 70, e pretendeu/pretende principalmente, destruir os mitos da inferioridade "natural", resgatar a história das mulheres, reivindicar a condição de sujeito na investigação da própria história, além de rever, criticamente, o que os homens até então, tinham escrito a respeito.

Em algumas áreas os estudos começaram logo e, ainda que o tema não esteja esgotado, existem pesquisas, ensaios e obras de certo alcance contribuindo para esclarecer sobre a questão da condição feminina. Em outras como a nossa, os estudos apenas se iniciam

*Comunicação apresentada na ANPOLL - II Encontro Nacional, 26 a 29/maio/87. Rio de Janeiro.

e só recentemente tal tema obteve legitimidade ao se introduzir no circuito acadêmico, tornando-se motivo de inúmeros cursos, teses e trabalhos de pesquisa, que têm contribuído para divulgar escritoras, bem como recuperar obras até então desconhecidas.

Mas ainda há muito o que fazer. Várias são as dúvidas que poderíamos levantar com relação ao tema Mulher na Literatura ou Mulher e Crítica Literária, e poucas encontrariam respostas nos trabalhos existentes. Por exemplo: quais foram nossas primeiras escritoras? Que livros escreveram e sobre o quê? Não sofreram nenhuma espécie de dificuldade devido a sua condição feminina? E a representação da mulher enquanto personagem, sobre que estereótipos foi montada? Por quê?

Se passamos os olhos nas antologias mais clássicas de nossa literatura e não vemos escritoras, isto apenas significa que elas nunca existiram? Se existiram algumas, sua produção foi sempre inferior à dos escritores contemporâneos para justificar sua não-inclusão nessas antologias e maioria dos manuais de literatura? E finalmente, existiria uma "literatura feminina"?

Por acreditar que estas questões são pertinentes e necessárias num contexto maior de trabalhos que procuram compreender, justificar e alterar a condição feminina, julgamos procedente esta reflexão. Trata-se aqui, como não podia deixar de ser, de uma rápida introdução a alguns pontos teóricos marcantes sobre a questão da mulher no campo da literatura e da crítica literária.

No momento em que as mulheres ampliam significativamente sua participação na literatura e nas artes em geral, impõe-se mais que nunca a formulação de uma estética de cunho feminista para dar conta das transformações aí ocorridas. Essa teorização já vem sendo feita com contribuição de vários países, por especialistas das mais diversas artes.

A americana Patrícia Spacks tem formulado questões extremamente instigantes sobre os sentimentos femininos e as formas de reação que persistiriam apesar das transformações sociais. Existiriam esquemas característicos de autopercepção que configurem a expressão criativa da mulher? indaga. Em seu trabalho ela enfrenta questões polêmicas como esta e investiga os sutis e especiais pontos de vista das mulheres, a partir de suas próprias obras, à procura

de provas da existência desses pontos, dos modos de sentir que permanecem constantes e analisa o modo como utilizam sua criatividade de para mostrar e combater suas dificuldades específicas. (7, p.9)

Na Alemanha Sílvia Bovenschen acredita na existência de uma Estética Feminista ligada a uma "consciência estética" e a uns "modos de percepção sensorial", não como uma variante pouco usual de produção artística ou a uma teoria da arte laboriosamente construída. (2, p.57)

Gisela Ecker, também alemã, ao chamar atenção para a necessidade da elaboração de uma estética feminista e não feminina, observa que se deve levar em conta as "complicações da subjetividade" e de uma crítica aos pressupostos tradicionais. "A palavra feminista indicaria um compromisso relativo ao momento histórico, com suas necessidades específicas." (2, p.18)

A mesma autora aproxima Jacques Derrida e Julia Kristeva, guardadas as diferenças entre seus escritos teóricos, identificando-os na postulação do fundamento comum do pensamento pós-estruturalista que vê a mulher como sede privilegiada e que permitirá desmontar o pensamento falocêntrico ocidental. "O feminino (que não coincide necessariamente com as mulheres reais) é considerado como a negação do fático e, portanto, como porta-voz privilegiado das visões utópicas," afirma ela. (2, p.13)

A somatória de postulações questionadoras e polêmicas como estas constituirá os parâmetros desta nova estética. Como se trata de um campo de investigação que só nos últimos anos se configura enquanto tal, o que se nota hoje é a especificidade de uma estética feminista estar se constituindo mais por negações e dúvidas do que com certezas e respostas acabadas. Mais por lacunas e indagações do que por propriamente um cânon ou um código autoritário veiculado com a finalidade de condicionar a produção literária feminina.

No campo da literatura uma das questões mais debatidas continua sendo a da existência ou não de uma literatura feminina em sua especificidade. Motivo já de alguns artigos e ensaios entre nós, a questão atravessa fronteiras e configura-se em tema de seminários e de diversas obras, que contribuem para aumentar ainda mais a discussão.

Identificada por uns aos traços distintivos do comportamento e da "natureza" feminina e por outras às experiências pessoais de vida, a linguagem literária feminina parece estar longe de ser definida. Desde Virgínia Woolf até as tendências mais contemporâneas do feminismo francês, alemão, americano e mexicano, encontramos tentativas de explicar o que poderia ser chamado de escritura de mulher.

Annie Leclerc e Hélène Cixous exploram a introdução do corpo na arte, a partir de um ângulo distintivo. Para Cixous a escritura feminina significa "escrever o corpo", pois para ela o corpo feminino representa "impulsos instintivos e um desejo que surge do inconsciente", para Leclerc "uma linguagem uterina". Kristeva avança um pouco e considera o corpo como "gozo" e como "força semiótica na escritura capaz de quebrar a ordem simbólica restritiva," já Luce Irigaray com o pressuposto de que "feminino" significa mais que "mulher", procura-o através dos discursos filosófico e psicanalítico.²

De qualquer forma, seja através de teorias que recebem reparos de reduções biologicistas, seja através mesmo da mistificação do feminino, a questão continua suscitando reflexões e sendo introduzida em entrevistas a escritoras.

Acredito que ainda que fosse estudada toda a literatura escrita pelas mulheres, na busca dessa especificidade, seguramente não a encontraríamos. Descobriríamos sim, alguns traços comuns e variados, marcados ou pela posição que as mulheres ocupavam na sociedade, ou impostos pela estética dominante, ou ainda pelos valores gerais atribuídos à diferença sexual.

Mas o caminho deve ser esse mesmo. Para quem tanto tempo esteve ausente como sujeito da história, reduzida a uma inferioridade de calcada na sua constituição biológica, à mercê de ideologias que a colocavam como um segundo sexo e da indústria cultural masculina que se encarregou da construção e quase cristalização das imagens do feminino, não é fácil recuperar o tempo e reconstruir essa identidade.

Que somos diferentes, que pensamos e fazemos tudo diferente, não resta dúvida. Mas daí a supervalorizar o corpo feminino e pensar que este corpo poderá nos dar uma outra e nova visão do

mundo, há uma distância. Aliás, Simone de Beauvoir em sua lucidez já alertava para os riscos de se querer criar um "contra pênis". Não é nada disso.

Por que não nos basta a constatação de que na arte realizada pelas mulheres há uma sensibilidade diferente, impossível mesmo de se definir? Por que continuar tentando definir o quase indefinível? Corre-se o risco de se reforçar um mito... E a consequência não poderia ser uma nova discriminação do que seja literatura feminina? A questão é polêmica, eu avisei.

Que a produção literária feminina é recente não resta dúvida, basta que pesquisemos alguns historiadores e críticos para o constataremos ou mesmo que tenhamos em mente as condições de vida das mulheres nos séculos passados, sempre recolhidas entre quatro paredes, sem acesso à educação ou a uma vida social. Se conhecemos um pouco desta história não podemos nos admirar da ausência de uma literatura feminina nesta época. A surpresa fica mais por conta das que, apesar de tudo e todos, superaram os obstáculos e desafiam a ordem patriarcal que as restringia à esfera privada, publicando textos ainda que anonimamente ou sob pseudônimos masculinos, como estratégia de contornar os preconceitos sexistas no campo da recepção e da crítica literária.

Aliás a crítica literária até meados deste século aproximadamente, foi um reduto exclusivamente masculino. Estamos nos lembrando e nos referindo desde a Sílvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo, até Sérgio Milliet, Álvaro Lins, Mário de Andrade e Tristão de Athayde. A grande exceção foi Lúcia Miguel-Pereira, que se tornou respeitada e se impôs como historiadora e crítica pela seriedade de seu trabalho e profundos conhecimentos literários que possuía.

E como estes críticos - os donos da verdade literária - viam um texto de mulher? Não deixa de ser interessante uma pesquisa neste sentido para observar a recorrência de algumas posições. Atribuíam à mulher que escrevia, com raras exceções, um estatuto inferior frente a um escritor; revelam também freqüentemente seu constrangimento em fazer crítica de textos femininos, tal o ineditismo da situação. José Veríssimo chega a lamentar que a língua portuguesa não seja como a francesa que não possui feminino para as palavras **autor** e **escritor**. Os críticos franceses, na sua opinião, se-

riam portadores de "inapreciável vantagem" porque estariam "desobrigados das cortesias" que as convenções sociais impunham no tratamento a uma mulher. (8, vol. 3, p.134 e 135)

Com relação aos temas e gêneros literários são unânimes em apontar para alguns que seriam mais "adequados" à mulher, como os romances sentimentais e os de confissão psicológica, "tal a sensibilidade feminina". Também é freqüente o espanto diante da representação da figura masculina em determinados textos de mulher, em tudo diferentes do estereótipo do homem viril, forte e superior, presente nos textos de autoria masculina. Mário de Andrade chega a acusar Raquel de Queiróz de "fraqueza vingativa no analisar os homens" e "vingança do eterno masculino", quando comenta **As Três Marias**. (1, p.117)

E quando um texto feminino merecesse aplausos e elogios, sistematicamente era considerado um **texto forte e viril**, e a escritora obtinha a consagração de seu talento ao ser considerada "um poeta tão bom como os nossos melhores."

Mas nem sempre nossos críticos tiveram uma atitude sexista. Há que ressaltar Álvaro Lins (3, vol.2) e suas tentativas de reconhecer obras masculinas assinadas por mulheres e obras femininas assinadas por homens. Revelando-se em seu rodapé um conhecedor da produção literária de mulheres, e não só das brasileiras, discute em diversas oportunidades a questão do feminino e do masculino diferenciado de homem/mulher, e observa a freqüência da presença "visível e ostensiva" da personalidade da autora em primeiro plano, como um traço característico de sua literatura. Dois pontos fundamentais que continuam na ordem do dia.

Hoje, uma crítica literária de perspectiva feminista, apoiada em postulados como o da "participação consciente" e preocupada em encaminhar sua argumentação na defesa dos interesses da mulher, pretende a abolição dos estereótipos sexuais socioculturais, alguns considerados "naturais e imutáveis", bem como denunciar os preconceitos existentes num texto e apreender as imagens e símbolos associados ao signo mulher.

Para a americana Beth Miller, a crítica feminista, como a marxista, é uma variedade da sociológica ou sócio-histórica, e se distinguiria das demais pela sua **especial perspectiva** sobre o con

teúdo ou a **interpretação ideológica** que podem nos dar uma percepção distinta da obra de um autor ou de uma autora.⁴

Já a chilena Gabriela Mora acredita que uma vez que a crítica tradicional tem sido incapaz de abordar a obra das escritoras de maneira justa e apropriada, uma leitura feminista pode elucidar não só problemas estéticos, mas questionar também os cânones estabelecedores de hierarquias de qualidade, obrigando o reexame dos princípios e os métodos que têm contribuído para formar nossos juízos.

Se relemos atentamente algumas obras de nossa literatura observando as imagens de mulheres aí construídas, constatamos como estão carregadas de estereótipos advindos da sociedade patriarcal aqui instalada. Cabe a pergunta - e as escritoras, reproduziram sempre essas imagens estereotipadas ou se liberaram delas em algum momento? Se o fizeram como e quando foi isso?

Talvez mais importante que detectar os valores exaltados através das figuras femininas, fosse conhecer o porquê da exaltação de uns valores sobre outros numa determinada época, o que torna imperiosa a revisão crítica dos códigos culturais em que se insere a obra literária. O trabalho de resgate das escritoras antigas que começa a ser feito, não deve pretender apenas se constituir num arrolamento das "esquecidas", mas sim permitir o conhecimento das tradições literárias das mulheres, o percurso, as dificuldades e mesmo as estratégias utilizadas para romper o confinamento cultural em que se encontravam.

Também o tal "discurso de dona-de-casa" ou "estilo doméstico", que tanto desdém sofreu, precisa ser revisto e melhor analisado. Não que um texto vá deixar de ser medíocre só por ter sido escrito por uma mulher. Não é isso. Mas também não vamos antecipadamente rotulá-lo de medíocre porque alguém, sabe-se lá em que circunstâncias, assim o considerou. Esses textos interessam, repetimos, por nos permitir chegar a novas conclusões sobre a tradição literária feminina.

Naturalmente é necessário um esforço analítico e interpretativo de cunho feminista para reconstruir tudo isso. É preciso sempre partir do fato histórico de que as mulheres eram consideradas inferiores e que na maioria das vezes isto estava tão introjetado,

que elas mesmas se viam como tais.

Acho que é preciso, além de um olhar duplo e enviesado para o texto e para dentro de si - proposto por Sigrid Weigel⁹ - um olhar extremamente arguto, pois reconstruir a história literária da mulher a partir das páginas da história do homem, só com um olhar muito sensível e ao mesmo tempo penetrante para percebê-la. Este olhar agudo e arguto é o olhar dialético, que vê o dentro do texto e ao mesmo tempo o que o circunda.

As primeiras tentativas no sentido de apreender teoricamente e classificar a produção literária feminina começam a ser conhecidas.

Beth Miller fala em "ondas literárias" que corresponderiam aos movimentos - às ondas - do movimento feminista. Identifica de início uma posição chamada **Andrógina**, uma outra **Feminina** e a terceira **Feminista**. Na "Andrógina" as mulheres tentavam escrever como os homens e corresponderia às primeiras manifestações literárias. A segunda posição definia-se a partir da consciência de que a vivência diferenciada da mulher implicaria num discurso próprio. E a terceira, marcada pelo Ano Internacional da Mulher, as escritoras já expressariam conscientemente "coisas de mulher" em seus textos e pressupõe a existência de uma geração de escritoras feministas.⁵

Elaine Schowalter² distingue também três fases na literatura feminina: a primeira de imitação e internalização das normas masculinas, chamada **Fase Feminina**, a segunda, a **Fase do Protesto** recebeu ainda o nome **Feminista**, e a terceira, a da auto-realização, ou da **Fêmea**.

As duas tentativas de classificação, é fácil verificar, revelam-se ainda ineficientes para interpretar a maioria dos textos. Não é tão simples encaixar escritoras que oscilaram entre a submissão parcial e o conformismo com sua situação. As contradições são muitas e seguramente surgiriam dificuldades numa rotulação tão esquemática. Como vêem, são muitas as questões e enorme o trabalho a ser feito.

Mas, para terminar, penso que devemos todos nós envolvidos com tais reflexões, estarmos atentos para não permitir que o tema Mulher/Literatura caia nas malhas do academicismo. Uma investiga

ção dessa ordem/desta ótica, deve servir para estimular debates e incrementar ainda mais a produção teórica de forma a não se converter numa traição ao Movimento Feminista, aliás, a origem mesmo de toda essa reflexão. Nosso momento é de construção e solidariedade e só juntas/juntos, conseguiremos reescrever a nossa história.

Referências Bibliográficas

1. ANDRADE, Mário de. **O Empalhador de Passarinho**. São Paulo, Martins; Brasília, INL, 3ª edição, 1972.
2. ECKER, Gisela (Editora). **Estética Feminista**. Espanha, Icaria Editorial SA, 1986.
3. LINS, Álvaro. **Jornal de Crítica**. 3ª série. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Ed., 1944.
4. MILLER, Beth. **Mujeres en la Literatura**. México, Universidad Autónoma del Estado de México. 1982, 2ª ed. (Collección Renacimiento, 6).
5. _____. Em conferências proferidas em Natal, RN, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1983.
6. MORA, Gabriela and HOOFT, Karen S. Van. **Theory and Practice of Feminist Literary Criticism**. Bilingual Review-Press, Michigan, 1981.
7. SPACKS, Patrícia M. **La Imaginación Femenina**. Madrid, Editorial Debate S.A., Bogotá, Editorial Pluma, 1980.
8. VERÍSSIMO, José. **Estudos de Literatura Brasileira**. Introdução de João Alexandre Barbosa. Belo Horizonte, Editora Itatiaia/São Paulo, Editora da USP, 1976. 7 volumes.
9. WEIGEL, Sigrid. "La Mirada Bizca: sobre la historia de las mujeres". In **Estética Feminista**. Gisela Ecker, Espanha, Icaria Editorial S.A., 1986.